

Trabalho sujo e estigma: cuidadores da morte nos cemitérios*

Analía Soria Batista – Wanderley Codo*****

Data de recepção: 3 de março de 2017 · Data de aceitação: 12 de julho de 2017 · Data de modificação: 20 de agosto de 2017
DOI: <https://dx.doi.org/10.7440/res63.2018.06>

RESUMO | O artigo utiliza a categoria *trabalho sujo* na análise da identidade de sepultadores e motoristas paramentadores, bem como identifica técnicas e práticas de manipulação dos estigmas profissionais. Analisa o papel dos tipos de mácula na natureza da relação desses trabalhadores com o trabalho sujo e a influência de elementos contextuais. Esta pesquisa, que integra os métodos quantitativo e qualitativo, utiliza escalas do trabalho e entrevistas semiestruturadas. Conclui-se que a presença de mácula moral nos motoristas paramentadores influencia para a maior coesão do grupo, e que elementos como a classe e a raça estão na construção social desses trabalhos desprestigiados e operam na produção das identidades maculadas.

PALAVRAS-CHAVE | *Thesaurus*: identidade; ideologias. *Autor*: cemitérios; trabalho sujo

Trabajo sucio y estigma: cuidadores de la muerte en los cementerios

RESUMEN | El artículo utiliza la categoría *trabajo sucio* en el análisis de la identidad de sepultadores y de agentes funerarios (transporte y preparación de cadáveres), así como identifica técnicas y prácticas de manipulación de los estigmas profesionales. Analiza el papel de los tipos de mácula en la naturaleza de la relación de estos trabajadores con el trabajo sucio y la influencia de elementos contextuales. La investigación, que integra los métodos cuantitativo y cualitativo, emplea escalas del trabajo y entrevistas semi-estructuradas. Se concluye que la presencia de mácula moral en los agentes funerarios (transporte y preparación de cadáveres) influye para una mayor cohesión del grupo y que elementos como el estrato social y la raza están en la construcción social de estos trabajos desprestigiados y operan en la producción de las identidades maculadas.

PALABRAS CLAVE | *Thesaurus*: identidad, ideologias. *Autor*: cementerios; trabajo sucio

Dirty Work and Stigma: Caretakers of Death in Cemeteries

ABSTRACT | This article uses the category *dirty work* in the analysis of the identity of morticians and funeral directors, as well as it identifies techniques and practices to deal with professional stigma. The article analyzes the role of the types of stains in the nature of these workers' relationships with their dirty job, and the influence of context elements. This research, which integrates quantitative and qualitative methods, uses scales pertaining to this job and semi-structured interviews. It is concluded that the presence of moral stains in funeral directors brings the group together more solidly, and that elements such as class and race inhabit in the social construction of these discredited jobs and operate in the production of stained identities.

KEYWORDS | *Thesaurus*: identity; ideologies. *Autor*: cemeteries; dirty work

* O artigo foi produto de uma pesquisa mais abrangente sobre Saúde Mental e Trabalho nos trabalhadores do município de Santo André e financiada pelo Instituto de Previdência de Santo André – São Paulo, Brasil.

** Doctora en Sociología pela Universidade de Brasília (UnB – Brasil). Professora do Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília e pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Violência e Segurança – NEVIS, Centro de Estudos- Avançados Multidisciplinares – CEAM, UnB. Últimas publicações: “Trabalho de cuidado: um conceito situacional e multidimensional” (em coautoria). *Revista Brasileira de Ciência Política* 18: 59-80, 2015; “Agentes penitenciarios y trabajo de seguridad en el sistema penitenciario de Brasília-DF, Brasil”. En *Pensar las Cárceles en América Latina*, editado por Cholé Constant, 106-126. Lima: Instituto Francés de Estudios Andinos – Pontificia Universidad Católica del Perú – Instituto de Estudios Peruanos, 2016. ✉ analiasoriabatista@gmail.com

*** Pós Doctor en Psicología Social pela London School of Economics (Reino Unido). Professor titular aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre a Violência e Segurança – NEVIS, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – CEAM, UnB. Últimas publicações: “Assedio Moral como forma de gestão no serviço público”. Aceito para publicação em *Psicologia & Sociedade*, 2017; *Julgar e cuidar (saúde mental e trabalho do perito medico)* (organizador). São Paulo: LTR, 2015. ✉ wandcodo@gmail.com

Introdução

O artigo analisa as relações entre o trabalho e a identidade nos *cuidadores da morte*,¹ sepultadores² e motoristas paramentadores³ dos cemitérios públicos de um município do Estado de São Paulo,⁴ Brasil. Para isso, utiliza a categoria *trabalho sujo*, que diz respeito à presença de divisão moral do trabalho na sociedade, isto é, a classificação das profissões segundo seu maior ou menor prestígio social, o que permite compreender a estigmatização dos trabalhadores das profissões de menor prestígio.

O estigma é um atributo que define as pessoas como socialmente desacreditadas e desqualificadas para aceitação social (Goffman 1963). O conceito de trabalho sujo diz respeito ao descrédito e à desqualificação da profissão, e quem pertence a essa categoria é considerado trabalhador sujo, uma pessoa socialmente impura (Douglas 2010). Esses processos coletivos, ao tornar visível a divisão moral do trabalho nas sociedades, revelam a construção social hierárquica do que se considera repugnante, tosco ou imundo.

Frequentemente, os trabalhadores sujos produzem culturas ocupacionais e grupais fortes baseadas na cumplicidade, solidariedade, brincadeiras e relatos humorísticos do trabalho cotidiano; ao construir ideologias e práticas de subversão dos significados sociais pejorativos, negociam e ressignificam suas atividades.

Além de identificar e analisar as técnicas, as ideologias ocupacionais e as práticas sociais dos trabalhadores dos cemitérios na sua luta contra o estigma laboral, este artigo contribui para a discussão do trabalho sujo identificando diferenças no modo como os sepultadores e motoristas paramentadores se relacionam com seu trabalho em função dos tipos de máculas predominantes

(Ashforth e Krainer 2013) e de elementos de natureza contextual que influenciam na construção social do trabalho sujo (Ashforth e Krainer 2014), tais como situações sociais interiores e exteriores a esse trabalho que interferem na coesão dos grupos.

O artigo traz, em primeiro lugar, a discussão sobre a categoria analítica trabalho sujo. Em seguida, detalha-se a metodologia da pesquisa. Em terceiro lugar, apresentam-se os resultados e as análises das informações considerando as categorias profissionais dos sepultadores e dos motoristas paramentadores. Por último, apresentam-se as conclusões.

O trabalho sujo

Inexistem no Brasil pesquisas sobre trabalhadores dos serviços funerários orientadas pela categoria trabalho sujo. Autores como Souza e Boemer (1988), Farina *et al.* (2009), Câmara (2011), Ribas (2012), Kovács, Vaiciunas e Gomes (2014) estudaram o trabalho dos agentes funerários no Brasil abordando diferentes aspectos das atividades, mas não utilizaram como categoria analítica o trabalho sujo.

O conceito de trabalho sujo permitiu a Hughes (1962) refletir sobre as atividades de extermínio dos judeus pelos agentes do regime nazista nos campos de concentração. Esse trabalho era tido como desprezível pela sociedade alemã da época, muito embora alguns o julgassem necessário, em face da ascensão social dos judeus experimentada pela população como ameaça. Para o autor, o ponto crucial na compreensão do trabalho sujo é o das relações entre uma parte da sociedade alemã da época e os agentes do nazismo, especialmente o grupo militante dos campos de extermínio. O elo entre os grupos, *in-group* (grupo militante) e *outgroup* (sociedade) era o mandato social punitivo sobre os judeus.

Segundo Ashforth e Kreiner (1999, 415), o conceito de trabalho sujo diz respeito à divisão moral do trabalho nas sociedades. A partir das atividades consideradas socialmente prestigiosas, em diferentes cenários socioculturais, é possível analisar e classificar as restantes, considerando a ausência ou a presença dos aspectos que constroem socialmente as atividades valorizadas. Lixeiros, coveiros e enfermeiras, por exemplo, têm contato com dejetos e lixo; bombeiros e mineiros, com o perigo e o nocivo. A impureza social diz respeito ao contato dos trabalhadores com grupos estigmatizados, como sucede com assistentes sociais, cuidadores sociais e guardas prisionais, ou trabalhadores que executam atividades em condições de servidão, como empregadas domésticas, engraxates e mordomos. A mácula moral é relativa a trabalhos considerados pecaminosos ou dúbios, como o das *strippers*, ou que desafiem as normas de civilidade, como o realizado por interrogadores policiais e investigadores privados. Alguns trabalhos podem ser tidos

1 Na bibliografia anglo-saxã que utilizamos como referência no artigo, esses trabalhadores são chamados de *dethcare*.

2 Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os sepultadores auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zalam pela segurança do cemitério.

3 O trabalho do motorista paramentador não consta da CBO. Em edital de concurso público da prefeitura municipal de São Paulo, a descrição do cargo é a seguinte: organizar funerais, paramentar cadáveres em urnas mortuárias, com vestimentas e flores em locais pré-determinados. Acompanhar e auxiliar os motoristas na retirada, carregamento e colocação de urnas mortuárias, remoção e traslado de cadáveres em viagens dentro e fora do município. Zelar pela limpeza e pela conservação dos veículos da frota. Manter o local de trabalho limpo e asseado, removendo talos de flores e papel procedente do desembalo de urnas e flores; embelezar cadáveres aplicando cosméticos específicos.

4 Essas categorias de funcionários da prefeitura ingressam nos cargos por meio de um concurso público que exige o ensino fundamental completo.

como sujeitos nas três dimensões mencionadas: física, moral e social. Outros, em alguma delas. Os autores se preocupam com a análise das estratégias empregadas pelos trabalhadores para lidar com a mácula social, minimizando-a ou neutralizando-a. Ashforth e Kreiner (1999, 190-193) apontam para dois processos adotados pelos trabalhadores sujeitos em face das atribuições identitárias negativas. O primeiro deles é a produção de ideologias ocupacionais e grupais; o segundo, de práticas sociais moderadoras do estigma. Os autores definem as ideologias como sistemas de crenças que abarcam a natureza do trabalho e a justificação do interesse na profissão.⁵ As ideologias produzem a união do grupo e justificam o exercício da profissão nas interações com pessoas próximas, como amigos e família.

Segundo os autores, os grupos de trabalhadores utilizam três técnicas de manipulação ideológica do estigma laboral: ressignificação, reenquadramento e reorientação. A ressignificação implica a transformação do significado social da profissão. O grupo infunde valor positivo à identidade da profissão ou rejeita o valor negativo do trabalho. A ressignificação pode atingir a finalidade do trabalho e os meios utilizados nas atividades. A ressignificação neutraliza o valor negativo do estigma profissional.⁶ Duas outras formas de ressignificação, negação do dano e negação da vitimização, se apresentam quando as profissões envolvem a exploração de outras pessoas ou de clientes.

No reenquadramento, os trabalhadores ajustam a percepção na avaliação dos aspectos do trabalho. Uma dimensão indesejável das atividades é percebida e avaliada como atributo menos importante, e um aspecto menor, mas desejável, é percebido e avaliado como relevante. Já na técnica de reorientação, os trabalhadores desfocam a atenção das características estigmatizadas do trabalho e a concentram nas não estigmatizadas, ou menos estigmatizadas.

As três técnicas são utilizadas por categorias profissionais do trabalho sujeito, mas, para Ashforth e Kreiner (1999), a decisiva no enfrentamento da estigmatização é a ressignificação, associada, pelo comum, a uma cultura ocupacional e grupal forte, pois é muito difícil que um trabalhador individual ressignifique sua profissão em face de um penetrante estigma. O reenquadramento não transforma o significado das atividades do trabalho, mas é uma técnica produzida pelos trabalhadores na ausência de uma cultura organizacional forte ou grupal forte que sustente a ressignificação. A reorientação é compensatória, sem associação forte com a identificação,

e surge quando a ressignificação e o reenquadramento não são viáveis. A reorientação pode aumentar o efeito das últimas técnicas deslocando atenção dos estigmas residuais, isto é, daqueles que não foram reenquadrados de forma efetiva (Ashforth e Kreiner 1999, 193-194).

Para os autores, em geral, a cultura ocupacional e grupal forte dos trabalhadores estigmatizados está associada à utilização das técnicas de ressignificação, reenquadramento e reorientação. Quanto mais se utilizam essas técnicas, maior é a identificação dos trabalhadores com o seu papel. A técnica mais importante para construção positiva da identidade é a ressignificação, seguida do reenquadramento e, por último, da reorientação.

Os autores também apontam para as práticas sociais de moderação das feridas identitárias nos trabalhadores sujeitos. Um tema recorrente entre os trabalhadores é a relação com os *outsiders*. Identificam aqueles “de fora” do grupo que têm visão negativa do seu trabalho e os condenam a fim de deslegitimar suas práticas de estigmatização. Também se comparam com outras categorias de trabalhadores sujeitos que percebem como caudatários de maiores desvantagens.

Os trabalhos sujeitos podem ter alto ou baixo prestígio na comparação com outros trabalhos também sujeitos.⁷ Ashforth e Kreiner, (1999), Kreiner *et al.* (2006) e Ashforth *et al.* (2007) observam que categorias profissionais caracterizadas por um estigma penetrante podem diferir em grau de envolvimento e intensidade de associação com o trabalho sujeito.

Ashforth e Kreiner (2013; 2014) têm sublinhado a importância de se considerar a influência dos diferentes tipos de máculas —físicas, sociais e morais— na natureza das relações dos trabalhadores com o trabalho sujeito, apontando para as especificidades da mácula moral na construção do estigma laboral, na produção de ideologias ocupacionais e na maior coesão dos grupos. Ainda, esses autores têm chamado atenção para os elementos contextuais na construção social do trabalho sujeito, isto é, a situação ou o ambiente em que uma determinada entidade ou fenômeno é incorporado, moldando o surgimento e a promulgação dessa qualidade dada, juntamente com a forma como é entendido. Nesse sentido, destacam a importância de se considerar analiticamente elementos históricos, culturais e demográficos na compreensão do trabalho sujeito (Ashforth e Kreiner 2014, 424).

Pesquisa de Mc Caben e Hamilton (2015) sobre trabalhadores de matadouros aponta para a importância de analisar a influência de elementos do contexto organizacional, tais como as condições do trabalho, o uso de tecnologias e formas de organizar o trabalho, e a produção, para

5 A adesão dos trabalhadores às atividades sujas deve comportar conotações positivas. Um exemplo é a ênfase dos cuidadores de pessoas idosas no amor e na paciência exigidos pela profissão.

6 A afirmação da obediência devida por militares hierarquicamente subordinados, no caso do sequestro, tortura e morte de prisioneiros, é um exemplo trágico.

7 O trabalho policial é julgado como sujeito, mas de alto prestígio quando comparado com outros da mesma categoria.

analisar o trabalho e a identidade em grupos diferentes de trabalhadores sujos de uma mesma empresa alocados em etapas do processo produtivo caracterizadas por condições heterogêneas. As autoras (2015, 96) sugerem também não supor antecipadamente que todas as categorias de trabalho sujo produzem culturas ocupacionais e grupais fortes; além disso, sublinham a importância de identificar nos grupos os elementos de coesão e aqueles que a limitam, como a rotatividade, as práticas de competição entre os trabalhadores, o trabalho precarizado dos imigrantes nas organizações, entre outros.

Thompson (1991, 13) esclarece que, historicamente, esse tipo de trabalho tem sido assignado à classe baixa. No Japão, os Eta ou Burakumin e, na Índia, os Intocáveis desempenhavam os trabalhos sujos e eram considerados poluídos. A distinção entre Eta e não Eta foi oficialmente proscria no Japão no século XIX, e a divisão de castas na Índia, na metade do século XX, mas em ambos os países as distinções continuaram informalmente.

Procedimentos metodológicos

O estudo aqui apresentado é parte de uma pesquisa mais abrangente sobre trabalho e saúde mental nos trabalhadores da prefeitura de um município de São Paulo, realizada durante o ano de 2015.

Instrumentos

A pesquisa aplicou o Diagnóstico Integrado do Trabalho (DIT).⁸ Um dos instrumentos do DIT é um inventário organizado em duas partes. A primeira, que aqui interessa, com escalas que analisam o trabalho considerando: controle, rotina, importância social do trabalho, sentido do trabalho, relacionamento com colegas, relacionamento com chefias, suporte social, suporte afetivo, conflito trabalho-família, satisfação no trabalho, comprometimento com a organização, tempo, dificuldades; a segunda, com escalas que investigam distúrbios psicológicos do indivíduo.⁹ No DIT, a estratégia quantitativa se integra com a qualitativa. Esta última composta de dois tipos de entrevistas semiestruturadas. A que foi utilizada aqui na análise do trabalho e das condições de trabalho dos sepultadores e motoristas paramentadores considera os seguintes aspectos: trajetória ocupacional, motivação para o trabalho, conteúdo do trabalho, rotina, controle e autonomia no trabalho, valor social do

trabalho, relações sociais no trabalho (colegas e chefias), prestígio profissional, aspectos cognitivos e afetivos do trabalho. A outra entrevista é clínica e se utiliza para o diagnóstico diferencial, mas não ingressou na análise proposta neste artigo.

Participantes

A pesquisa mais abrangente analisou 6.546 trabalhadores de diversas categorias profissionais. Na pesquisa dos trabalhadores do serviço funerário, analisaram-se 43 trabalhadores. As profissões estudadas, sepultador e motorista paramentador, são prioritariamente masculinas, por essa razão as entrevistas incluíram pessoas do sexo masculino. A idade média dos trabalhadores dos serviços funerários é de 43 anos (desvio padrão 11,7; mínima 20 anos, máxima 75 anos).

Procedimento

A análise quantitativa utilizou regressão logística, na qual a variável dependente era pertencer ou não ao serviço funerário, e as variáveis independentes eram as variáveis das escalas de trabalho do DIT.

O número de entrevistas sobre trabalho e condições de trabalho com questões semiestruturadas respeitou o critério de saturação. Foram realizadas vinte e quatro (24) entrevistas com os servidores dos cemitérios públicos, que tiveram duração média de uma hora. Elas foram gravadas e transcritas literalmente. Não se incluiu o nome real dos participantes para respeitar o seu anonimato.

Análise

Os dados foram relatados com o teste Qui-quadrado inerente a cada uma das comparações realizadas; o ponto de separação entre uma diferença real ou não foi a significância em nível de 5% ou menos. As seguintes escalas de análise do trabalho restaram na equação da regressão logística: importância social do trabalho, relacionamento com colegas e comprometimento com a organização. A escala de satisfação não sobrou na equação, mas teve valores significativos no Qui-quadrado.

As entrevistas foram analisadas com a técnica de análise de conteúdo na sua modalidade qualitativa. Foram lidas de forma flutuante e se procedeu à classificação das informações utilizando as categorias analíticas relativas aos tipos de técnicas (ressignificação, reorientação e reenquadramento), às ideologias ocupacionais respectivas e às práticas de enfrentamento do estigma do trabalho sujo, teoricamente informadas. Também foram consideradas questões sobre a influência dos tipos de mácula (físicas, sociais e morais) na natureza da relação dos trabalhadores

8 O DIT é um protocolo de diagnóstico do trabalho e de saúde mental do trabalhador que utiliza metodologia censitária e técnicas qualitativas de pesquisa. Foi desenvolvido pelo professor Codo com a participação da professora Soria Batista especialmente na fase qualitativa do estudo do trabalho e das condições do trabalho, desde o ano 2000, e aplicado em mais de 100.000 trabalhadores.

9 Essas escalas são baseadas no Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI).

com o trabalho sujo e de elementos contextuais evidenciados nas trajetórias dos trabalhadores.

Os temas foram agrupados pelo sentido das palavras. Retiraram-se das entrevistas as falas relativas às categorias de análise estabelecidas e se elaboraram tabelas para comparar as diversas falas em cada uma das categorias. Por fim, foram feitas as inferências e as interpretações dos aspectos do trabalho sujo dos sepultadores e dos motoristas paramentadores.

Trabalho sujo em sepultadores e motoristas paramentadores

A seguir, discutem-se aspectos vinculados à coesão dos grupos de sepultadores e de motoristas paramentadores, às técnicas que utilizam no enfrentamento do estigma laboral (ressignificações, reorientações e reenquadramentos) postas de manifesto em suas ideologias ocupacionais, aos tipos de mácula que caracterizam seus trabalhos e aos elementos contextuais que influenciam na natureza da relação estabelecida com o trabalho sujo.

A coesão dos grupos no trabalho sujo

O estigma do trabalho sujo é o elemento central na compreensão da cultura e coesão dos grupos de trabalhadores sujos (Thompson 1983). A morte é um tabu social (Rodrigues 2006), e as profissões de sepultador e de motorista paramentador são julgadas como impuras porque violam o tabu social ao manipular os corpos mortos. Mas outros aspectos também podem estar presentes na coesão dos grupos de trabalhadores sujos, inclusive limitando-a ou impedindo-a (Ashforth e Kraimer 1999; 2013; 2014; Mc Caben e Hamilton 2015).

Os sepultadores enfatizam a importância do grupo de colegas nas atividades envolvidas no enterro ou na exumação dos cadáveres, as que são supervisionadas com zelo por familiares dos defuntos. Os sepultadores trabalham em equipe, e as relações com os colegas são fundamentais para lidar com a hostilidade e o desrespeito dos familiares dos mortos, e com o trabalho duro, sob sol ou chuva, e com as jornadas extenuantes.

“Sim... eles não estão mais aqui, a maioria de meus companheiros já faleceram, outros foram transferidos... grandes parceiros no trabalho de coveiro, eles sempre deram aquele valor tudo, a gente sempre junto ali aterrando, fazendo enterro... era de domingo, a gente folgava por escala tudo... a gente via sofrimento, xingamento ali debaixo de sol... debaixo de chuva... como é que se diz? ... comendo o pão que o diabo amassou, mas um ajudando ao outro, sempre todos os coveiros juntos”. (Entrevistado)

O senso de unidade dos motoristas paramentadores se baseia em sentimentos de empatia, solidariedade, cumplicidade e brincadeiras, muitas delas vinculadas às experiências nos “bastidores” (Goffman 1959) do trabalho sujo. Essas experiências ocultas revelam que o tipo de mácula do trabalho de paramentar mortos é não apenas física e social como no caso dos sepultadores, mas também moral. O humor é uma técnica efetiva para lidar com a mácula moral que influencia na coesão do grupo de trabalhadores (Thompson 1983), e as brincadeiras dos motoristas paramentadores são, pelo comum, sobre quantidade de gordura corporal, tamanho dos órgãos genitais dos mortos, entre outros. Cabe lembrar que o senso de unidade de uma outra peculiar categoria de trabalhadores sujos, os trabalhadores dos matadouros, é caracterizado também por inúmeras grosserias e brincadeiras de mau gosto (Thompson 1991, 143).

Os paramentadores experimentam a excisão da experiência cotidiana em dois mundos, bastidores e fachada do trabalho, universos que compõem separados pelo portão material e simbólico do cemitério e que lhes exigem dramaturgias diferentes (Goffman 1959). Esses *insiders*, como outros quaisquer, possuem a vantagem do trânsito irrestrito pelos dois mundos.

“A gente brinca muito, até porque a pressão psicológica melhora e é o único local que você pode conversar de igual para igual. Quando você sai daqui você não pode mais, então tem que ter duas vidas, duas personalidades. Uma quando abre o portão pra cá, e a segunda quando abre o portão pra sair, você não pode ser a mesma pessoa aqui e fora. Aqui um depende do outro, meu bem-estar está relacionado ao de meus parceiros, não é possível errar... é necessário ter uma comunidade, uma irmandade...” (Entrevistado)

A pesquisa identificou também elementos contextuais, exteriores ao trabalho sujo que predisõem os trabalhadores à unidade no local de trabalho. A trajetória ocupacional dos sepultadores e motoristas paramentadores antes do ingresso no serviço funerário aponta para itinerários semelhantes no acesso a trabalhos com poucas exigências de educação formal e qualificação profissional, alguns formais, outros informais. As experiências de insegurança, as limitações para planejar o futuro, o sofrimento das carências materiais antes do acesso ao emprego público no serviço funerário e o desejo compartilhado de priorizar a estabilidade laboral em detrimento do conteúdo do trabalho são elementos comuns, que operam na construção identitária e na coesão dos grupos.

Outro aspecto que interfere na cultura grupal diz respeito à presença de hierarquias organizacionais e sociais. A natureza da relação com as chefias influencia no modo como os trabalhadores lidam com as máculas do trabalho desprestigiado. Essa relação pode ajudar os trabalhadores a minimizar a mácula, como estudaram Ashforth *et al.* (2007), ou, como mostra a pesquisa aqui apresentada,

contribuir para acentuar o estigma. Os grupos de sepultadores e motoristas paramentadores apontam que a relação com os superiores se caracteriza pela ausência de elogios e a frequência das punições. As chefias são consideradas *outsiders* pelos sepultadores e motoristas paramentadores, e não aliados na luta contra o estigma. Mas, paradoxalmente, as práticas dos trabalhadores em torno desses desafetos, tais como as fofocas sobre os superiores hierárquicos, impactam de forma positiva na coesão dos grupos.

Técnicas, ideologias e práticas dos sepultadores e dos motoristas paramentadores

A seguir, analisam-se as técnicas, as ideologias e as práticas sociais dos sepultadores e motoristas paramentadores na luta contra os estigmas profissionais. Para facilitar a compreensão da análise, optou-se por re apresentar as definições teóricas analíticas das técnicas que foram identificadas na análise das entrevistas com os trabalhadores do serviço funerário.

Nas *ressignificações* dos trabalhadores, o significado pejorativo que a sociedade atribui ao trabalho que realizam muda de valor para negar a desvalorização da profissão. Nas *reorientações*, os trabalhadores desfoam a atenção das características estigmatizadas do trabalho para as não estigmatizadas ou menos estigmatizadas. Nos *reenquadramentos*, os trabalhadores ajustam a percepção na avaliação dos aspectos do trabalho. Uma dimensão indesejável do trabalho é percebida e avaliada como atributo menos importante, e um aspecto menor, mas desejável, é percebido e avaliado como relevante.

Os sepultadores: técnicas, ideologias e práticas

Os sepultadores preparam as sepulturas, dispõem as urnas em seu interior e, quando necessário, exumam os corpos. Utilizam três técnicas, com suas respectivas ideologias e a prática social de se comparar com os motoristas paramentadores, para lutar contra o estigma do trabalho. No quadro 1, apresentam-se as técnicas e as respectivas ideologias ocupacionais identificadas na pesquisa junto aos sepultadores.

Quadro 1. Técnicas e ideologias dos sepultadores

Ideologias	Técnicas
Sacralização do sepultamento	Ressignificação
Trabalho de homens corajosos	Ressignificação
Foco do trabalho nas habilidades afetivas para lidar com famílias enlutadas	Reenquadramento

Fonte: elaboração dos autores a partir de entrevistas com sepultadores.

As ressignificações do trabalho sujo

Quanto aos sepultadores, a sociedade julga seus trabalhos repugnantes e, ao mesmo tempo, necessários. Nas interações com os enlutados, esses trabalhadores ignoram as demonstrações de desprezo. Atitude possível porque apelam coletivamente à construção simbólica da sua missão profissional em detrimento da dimensão utilitária. O enterro dos mortos, atividade socialmente útil, é percebido como um ritual sagrado pelos sepultadores, simbolismo também compartilhado por um número significativo dos *outsiders*.

“Tem gente que fala assim... ou Deus abençoa o que você faz, Deus... Deus ajuda tal o que você faz, você é um cara... Como é que a pessoa fala? Você é um cara escolhido por Deus... fazer um serviço desse... cata o osso ali tal... ou valeu... e isto é verdade. Mas, eu quero falar uma coisa pra você... tem uns que não estão nem aí... têm nojo da gente”. (Entrevistado)

Os trabalhadores percebem o nojo das famílias enlutadas em face da cercania física, da necessidade de um aperto de mãos. São muito sensíveis às palavras e aos gestos que revelam a corporificação da contaminação que a sociedade lhes atribui. A sacralização do enterro dos mortos exerce papel importante na minimização do estigma do trabalho.

“Conversando assim... você fala com os familiares... porque... você sabe... que a sociedade, eles... no meu caso de trabalho de coveiro, eles, a maioria tem nojo de você... por consideração, você sabe que a pessoa tem nojo de você, mas você conversa com a pessoa numa boa... não vai brigar... ou... dizer: você tem nojo de mim tal... eu não estou leproso não estou nada... não... Você ignora, isso aí, eu aprendi a ignorar e pronto acabou”. (Entrevistado)

Os sepultadores neutralizam o estigma do trabalho sujo ao sustentar que a profissão requer de homens corajosos. O trabalhador exuma cadáveres, e a realização dessa atividade, julgada como nojenta, precisa de um trabalhador considerado fora do padrão normal. O trabalho sujo exige qualidades excepcionais. Não é qualquer trabalhador que está disposto a enfrentar o desafio.

“Não é... todo mundo que fa... o coveiro, tem que ter coragem... o lixeiro... não é todo mundo que faz, porque você tem que catar várias coisas, a pessoa assiste, o pessoal da família assiste você fazer, tirar o... caixão do buraco, tudo podre, cheio de bicho e você tem que meter a mão ali... então o pessoal... eu acho que tem, acho que a pessoa dá um valor pra gente sim”. (Entrevistado)

Na produção das ideologias, os trabalhadores apelam a dimensões sagradas e profanas. A profissão de sepultador é percebida sagrada no ritual de propiciar o enterro da pessoa morta, e profana na exigência de coragem para enfrentar a face nojenta e assustadora do contato com a morte.

As reorientações do trabalho sujo

Os sepultadores priorizam a dimensão afetiva do trabalho. A habilidade para lidar com o luto das pessoas é considerada o aspecto mais importante da profissão. Os trabalhadores precisam ser cuidadosos com o manuseio do caixão. A movimentação durante sua colocação na terra, os solavancos e ruídos despertam sempre a ira dos familiares, que desejam proteger a pessoa morta. Os trabalhadores percebem que precisam lidar com essas manifestações de forma adequada às circunstâncias.

“Nessa área de enterro, você leva xingo sempre. O importante desse trabalho é você entender a dor da família. Às vezes, você está descendo o caixão ali, de repente dá uma balancinha dentro do caixão assim... o cara já xinga você de nome feio, aí você tem que ficar quieto... O cara fala assim: coveiro... empurra devagar... você não está empurrando um parente seu não... então você tem que ficar quieto ali, tem muitos que descem lá no buraco para poder ver... ver o enterro ali e tudo, então... aí você fala: ‘poxa’... parece que a gente não está fazendo o negócio direito, mas aí a gente sabe que é o sofrimento da família... aí tudo bem”. (Entrevistado)

Práticas ocupacionais no trabalho sujo: comparações sociais

Os sepultadores moderam o estigma do trabalho ao se comparar com outras categorias profissionais do serviço funerário, como a dos motoristas paramentadores. O estigma dos paramentadores é considerado pelos sepultadores como mais penetrante, em função dos requisitos emocionais e práticos da atividade de remoção dos corpos e de seu manuseio nas atividades de preparação e arrumação para o velório, práticas que acontecem de forma bastante oculta.

“O paramentador, vai com o motorista... entra na casa da pessoa para pegar o corpo e ainda é pior... porque você participa, você vê uma mãe ou um filho em cima da cama, a pessoa chorando. Com respeito tudo... sem dar de risada, fica sério... eu posso pegar aqui?... Posso sem dar tombo pegar direitinho e coloco com respeito. Ele põe no carro com respeito e diz ó... você leva a roupa tal, você fala pra família... avisar a família naquela hora da morte eles sabem que as pessoas ficam transtornadas ali, né, ficam nervosos... você... leva a roupa... esse corpo está sendo conduzido para o IML... depois tem que arrumar o morto... tocar... tamponar... então é bem pior que trabalhar de coveiro, muito pior”. (Entrevistado)

Em sínteses, os sepultadores ressignificam o trabalho sacralizando os enterros e aludindo à coragem necessária nas exumações dos cadáveres; por último, reenquadram o trabalho focando nas habilidades para lidar com famílias enlutadas, em detrimento do enterro e da exumação dos corpos.

Os motoristas paramentadores: técnicas, ideologias e práticas

O motorista paramentador acompanha o motorista do serviço funerário, que é acionado para retirar o corpo da residência, do hospital ou dos destroços de um acidente. A remoção dos corpos pode exigir força física e criatividade. O corpo pode estar decomposto, mutilado, queimado. Tem peso, forma, volume. Pode estar na favela, em apartamento sem elevador, em terreno íngreme. O motorista paramentador lida com as dificuldades inerentes à retirada dos corpos e, quando necessário, recorre aos bombeiros. Após apoiar o motorista na remoção do corpo, o motorista paramentador arruma o corpo. O produto de seu trabalho, isto é, o corpo com aparência de vida tem que agradar os familiares enlutados.

Na moderação do estigma, os motoristas paramentadores utilizam as três técnicas, produzem cinco ideologias e a prática social de se comparar com qualquer outra categoria profissional. No quadro 2, apresentam-se as técnicas e as ideologias ocupacionais dos motoristas paramentadores.

Quadro 2. Técnicas e ideologias dos paramentadores

Ideologias	Técnicas
Fazer o bem	Ressignificação
Trabalho sujo, emprego estável	Reorientação
Trabalho que permite fazer “bicos”	Reorientação
Estética da morte como foco do trabalho	Reenquadramento
Habilidade afetiva para lidar com famílias enlutadas como foco do trabalho	Reenquadramento

Fonte: elaboração dos autores a partir de entrevistas com motoristas paramentadores.

As ressignificações do trabalho sujo

A manipulação da morte, a interdição social e a necessidade social, o mal necessário são aspectos transmutados pelos motoristas paramentadores em uma forma sutil de fazer o bem. Nos bastidores do trabalho sujo, o trabalhador arruma o cadáver para conduzi-lo de forma mais aceitável até a família.

“Não, não é dificuldade não, nunca tive mal com isso, eu acho que assim, é... de alguma forma a gente faz o bem, né, porque... o simples fato de você ir pegar uma pessoa que vai trocá-la, vai paramentá-la, maquiá-la, arrumar o cabelo, pra ela chegar na família um pouco mais aceitável já é algo significativo”. (Entrevistado)

As reorientações do trabalho sujo

Os motoristas paramentadores deslocam a atenção das características mais estigmatizantes do trabalho para

as não estigmatizadas ou menos estigmatizadas. Em contexto discursivo ambíguo, que não menciona o contato direto com o corpo morto, os motoristas paramentadores valorizam o vínculo de emprego em detrimento do conteúdo do trabalho.

O emprego de motorista paramentador diz respeito à estabilidade no trabalho e a outros benefícios do funcionário público; o trabalho implica a remoção dos cadáveres, a preparação e a arrumação do corpo para o velório. A ênfase nas características do emprego público, como a estabilidade, dentre outros benefícios, muda o foco de atenção da dimensão maculada do trabalho para os outros aspectos avaliados de forma positiva.

“E foi difícil aceitar esse serviço. Não é um serviço normal para qualquer pessoa... No começo foi difícil... dois meses você sonha, e não come direito. Mas, graças a Deus, hoje, se eu falar pra você que eu estou realizado profissionalmente... isso não é um serviço que qualquer um quer. A gente sabe que vai encontrar uma família chorando, alguém desesperado, depende de como você vai atender esse serviço. Você pode ficar focado na família, se você ouvir muito o que eles têm a falar, você acaba se abalando. Não é um serviço que a gente gosta de fazer, a gente faz, precisa... o importante é que a gente é concursado e tem uma estabilidade de emprego”. (Entrevistado)

É também comum os motoristas paramentadores usarem técnicas de controle da informação (Goffman 1959). Estas limitam os comentários dos trabalhadores sobre o cotidiano do trabalho e influenciam na produção simbólica de dois mundos, o do cemitério e o de fora, separação experimentada de forma radical pelos motoristas paramentadores.

“Tem coisa que mexe com você, só que você tem que guardar, se você conta um negócio para uma pessoa, ela, opa, esse aí nem vou cumprimentar, nem dar a mão, entendeu? Crânio afundado, nem deu pra levantar, pra quem você vai falar isso? Pra sua família? Meio chato, às vezes falo no tom de zoeira, ô! o cara estava feio, mas ficou lindão, acabou, entendeu?” (Entrevistado)

Na sociedade, o fim da vida é rodeado de silêncio e, nesse vácuo social, os trabalhadores cuidam da morte. Os motoristas paramentadores se sabem invisíveis socialmente e percebem que essa indiferença da sociedade é temporariamente suspensa quando morre um familiar. Mas, depois, são novamente esquecidos e maculados pelo tabu social da morte.

“Muitas pessoas não têm ideia, a pessoa só vê aquilo no momento que ela precisa, até ela não precisar, ela não faz ideia. Eu mesmo nem culpo ninguém, porque eu mesmo jamais tinha passado por uma situação dessa de parar... pra pensar quando o ente meu falece quem vai cuidar, quem vai arrumar, quem vai trocar,

quem vai ornamentar, quem vai carregar, isso não passa pela cabeça de ninguém, então, só quando você vive e vê aquilo, que você valoriza. Até esse momento, a pessoa fala, esse aí é funcionário público trabalha na funerária, é indiferente”. (Entrevistado)

Os motoristas paramentadores avaliam como difíceis os primeiros dias e meses da profissão. O trabalho exige adaptação às dificuldades da remoção dos corpos, aos ambientes mórbidos, aos odores e às práticas desagradáveis. Esses aspectos são parte da socialização do cuidador da morte que começa a frequentar os espaços socialmente invisibilizados e a ter contato direto com as práticas e com os rituais do fim da vida. As falas dos trabalhadores se tornam ambíguas quando eles afirmam não desejar trocar o cemitério por nenhum outro lugar da prefeitura.

“Eu não esqueço até hoje o primeiro corpo que eu peguei, a fisionomia aonde foi, não esqueço a primeira vez que eu entrei no IML [Instituto Médico Legal]. E daí que começou, primeiro dia de serviço, na primeira noite sonhava com pessoas mortas, tinha nojo de comer... quando eu pegava um prato de comida, eu lembro que lembrava do IML. Dois meses sonhando com defunto e sem comer direito, quase desisti. Hoje, se chamar para ir para a Câmara, eu não vou, para o Samu não vou... pela tranquilidade... não é que eu goste, mas a gente, o salário que a gente tem aí, a gente, eu mesmo, eu faço um bico de mecânico, então é um lugar tranquilo. É o lugar mais tranquilo, que eu acho que tem na prefeitura, não é porque lida com morto não, é porque é um lugar mais tranquilo, mais sossegado. Eu saio daqui e, como eu tenho um conhecimento com bastante gente, eu tenho um salãozinho perto de casa, que é onde eu faço meus bicos lá, de mecânico”. (Entrevistado)

Os trabalhadores observam que ser motorista paramentador no cemitério público permite gozar de tempo livre para a realização de outros trabalhos. Trata-se de uma reorientação de foco das atividades centrais do ofício para as vantagens exteriores ao trabalho, possibilitadas pela forma de organização da jornada em escala de plantão. Esse sistema, que permite ao trabalhador ter tempo livre para assumir atividades fora do serviço funerário, melhora tanto sua condição financeira quanto emocional.

O reenquadramento do trabalho sujo

Os motoristas paramentadores consideram menos desejáveis as atividades de preparação do corpo morto e, por isso, essas práticas são tidas como menos relevantes que as envolvidas na consecução da estética da morte, a maquiagem do defunto, o penteado, a colocação adequada das roupas, o posicionamento das mãos. O motorista paramentador se esforça por plasmar no corpo a estética da morte, que é a do sono tranquilo. O julgamento da família é importante, pois significa o

reconhecimento pelo trabalho bem-feito, o que produz satisfação no trabalhador.

O processo de preparação do corpo inclui o embalsamamento e o trabalho de restauração, que é necessário para tornar o corpo esteticamente adequado. Antes do embalsamamento, o corpo é limpo e, em seguida, os lábios, as pálpebras e as mãos são fixados, para imitar a posição de quem está dormindo. Depois do formol substituir o sangue, e de órgãos internos serem manipulados conforme necessário, o corpo é vestido; o rosto, maquiado e o cabelo, arrumado. O processo de preparação e de embalsamamento do corpo constitui uma fonte de estresse para diretores de funerárias, por causa da perfeição exigida. Eles querem apresentar o falecido como em estado de sono tranquilo, pois as famílias desejam que o familiar morto pareça “normal” (Forsyth, Palmer e Simpson 2006, 128).

O julgamento da família sobre a estética adequada da morte opera também minimizando o estigma do trabalho sujo, pois até um trabalho maculado pode ser admirado socialmente.

“Sinto sim muita satisfação em realizar o meu trabalho, quando eu vou buscar o óbito, quando eu vou ver a pessoa tá completamente destruída, horrível com a boca aberta, com os olhos abertos, todas cheias de... isso... aquilo, você arruma, tapona, ornamenta legal, deixa tudo bacaninha bonito, quando chega no velório todo mundo olha e fala: nossa parece que tá dormindo está tão bem arrumadinho... isso é satisfatório, sinto satisfação sim”. (Entrevistado)

No depoimento a seguir, o trabalhador aponta para um antes e um depois no trabalho de tratamento dos corpos. Tradicionalmente, a base do aprendizado do paramentador era a experiência dos trabalhadores mais antigos. Recentemente, os trabalhadores tiveram a oportunidade de fazer cursos específicos que acentuaram os aspectos científicos do trabalho, agora cada vez mais caracterizado, segundo os trabalhadores, por habilidades técnicas que exigem treinamento.

“Antigamente cada um para si, se você quisesse fazer algo melhor, tinha que procurar entre as pessoas da funerária, tanto que você via algo lá fora e trazia para seu trabalho, por exemplo, esse negócio de vazamento do corpo... começou assim, eu uso gesso, eu uso silicone, eu uso tal coisa. Depois modernizou um pouco, deram um curso aqui, agora seria assim, um taponamento superficial, um curso de necromaqueiagem também eu fiz. É o que gosto porque para mim apesar de tudo... você vê a pessoa em si, o que você está colocando ali, quando o familiar, a pessoa olha, ela não sabe que estava com a boca aberta, se esgoelando de sangue, às vezes a mulher só tem um seio e disfarçadamente você coloca um paninho e deixa meio como se colocasse uma camiseta só pra

ficar igual sabe, então esse negócio de ornamentação eu gosto bastante”. (Entrevistado)

Os cursos mudaram o status dos motoristas paramentadores, na medida em que a manipulação do corpo é agora autorizada pelas disciplinas médicas. Esse aspecto impacta de forma positiva na luta dos trabalhadores contra o estigma laboral e na construção da identidade.

Nos cemitérios públicos estudados, como já esclarecido, os motoristas paramentadores apoiam o trabalho dos motoristas do serviço funerário na remoção dos cadáveres. Isso é considerado desagradável e penoso, do ponto de vista dos esforços físicos envolvidos e do cuidado exigido pela família no manuseio do cadáver. Forsyth, Palmer e Simpson (2006, 124-125) esclarecem que a remoção do cadáver é uma situação de natureza emocional e, pelo comum, causa estresse, pois a família quer o controle sobre a remoção do corpo para proteger o ser querido da manipulação por terceiros. Pode acontecer que a remoção seja difícil para os funcionários do serviço funerário e que exija manipular os corpos agressivamente. O trecho da entrevista ilustra essa situação.

“Você estoura os músculos do braço, às vezes você tem que pegar um defunto no quarto andar no prédio sem elevador, isso é direto, acontece, você tem que descer com um lençol pelas escadas e a família do seu lado pedindo pra você ter cuidado com bater a cabeça, então quer dizer, você tem que se preocupar não com você, mas com o defunto e a família”. (Entrevistado)

Os motoristas paramentadores destacam como aspecto principal do trabalho de remoção dos corpos a posse de habilidades emocionais adequadas, pois *não é qualquer pessoa que faz esse trabalho*, já que exige vivências que abalam emocionalmente.

“Porque... Alguém precisa fazer... muita gente não tem coragem e tem muita gente que valoriza o trabalho da pessoa, só que eles admiram a pessoa que faz, só que tem gente que não quer nem chegar perto da pessoa que faz. Já peguei casos aqui que se eu fosse uma pessoa fraca eu não teria feito, criança, a gente pega criança morta de tudo que é jeito, uma vez peguei uma menininha queimada, para fugir do berço ela morreu queimada grudada na haste do berço, isso machuca você, você é pai, é avô e você tem família, você entra numa cena dessa, você vê aquilo, imagina para onde o emocional da gente vai...” (Entrevistado)

Em sínteses, os motoristas paramentadores ressignificam o trabalho como uma forma de fazer o bem, especialmente para a família do morto, reorientam o trabalho destacando de forma positiva aspectos exteriores, como o tempo livre para fazer outras atividades e as vantagens do emprego público, independentemente do conteúdo do trabalho. Reenquadram os aspectos do

trabalho enfatizando a estética da morte, em detrimento do tratamento do corpo nos bastidores do trabalho sujo, e destacam as habilidades para lidar com famílias enlutadas, do mesmo modo que os sepultadores.

Práticas ocupacionais no trabalho sujo: comparações sociais

Os motoristas paramentadores consideram seu trabalho como qualquer outro. Não se comparam com outras categorias profissionais do trabalho sujo próximas, como o fazem os sepultadores, mas com qualquer outra categoria profissional. Essa prática social, que procura minimizar o estigma afirmando a normalidade do trabalho, revela uma relação mais intensa com a mácula, na medida em que esta é negada.

“O trabalho em si não tem nada de anormal, é um trabalho como qualquer outro, o problema daqui é não ser reconhecido, mas até então ninguém é reconhecido em lugar algum, então não adianta”. (Entrevistado)

Kreiner, Ashforth e Sluss (2006) e Ashforth *et al.* (2007) indicam que as categorias de trabalhadores sujos podem diferir em grau de envolvimento e intensidade de associação com o trabalho sujo. O tipo de mácula atribuída influencia na natureza da relação dos trabalhadores com o trabalho sujo. A presença de mácula moral possibilita compreender esses processos sociais.

A pesquisa mostrou que a relação com o trabalho sujo difere no caso dos sepultadores e motoristas paramentadores. Os últimos têm relação mais intensa e profunda com o trabalho sujo que os sepultadores, revelada na experiência radical dos dois mundos separados pelo portão do cemitério e, ao mesmo tempo, nas formas de agir diferenciadas no local de trabalho, manifestas nos comportamentos de fachada e nos bastidores do trabalho sujo.

O trabalho do motorista paramentador é mais invisível e, ao mesmo tempo, mais maculado que o trabalho do sepultador. O trabalho desses profissionais resultam maculados física e socialmente. Mas o do motorista paramentador comporta também mácula moral, já que a sociedade suspeita que há presença de violência nas práticas ocultas de preparação e arrumação dos cadáveres.

O sepultador lida com os despojos do corpo no momento da exumação, mas o paramentador limpa o corpo dos vestígios da morte recente. O enterro e a exumação dos cadáveres são atividades acompanhadas publicamente. No entanto, os motoristas paramentadores trabalham nos bastidores.

Os sepultadores ressignificam o trabalho sacralizando-o: o enterro é um ritual. O trabalho dos motoristas paramentadores nos bastidores do trabalho sujo é profano, não há ritual na preparação do corpo para evitar a decomposição. Todas as suspeitas de sujeira física e

imoralidade recaem sobre esses trabalhadores. Eles se fecham fortemente no grupo controlando o vazamento de informações relativas às práticas corriqueiras, rindo da fisionomia dos corpos e produzindo piadas cruéis. E, ao mesmo tempo, reenquadram suas atividades ao enfatizar a estética da morte como aspecto primordial do seu trabalho, em detrimento das práticas de contenção da vazão dos fluidos do corpo, por exemplo. Reorientam o trabalho localizando os aspectos positivos nos benefícios do emprego público e do tempo livre para realização de outras atividades laborais.

Uma irmandade de trabalhadores sujos é construída em torno da manipulação do corpo para sua conservação. E a arte envolvida na estética da morte é o elo imaterial que une os dois mundos experimentados pelos motoristas paramentadores ao ocultar a morte na aparência do adormecimento do defunto para o ritual do velório e ao revelar a morte no trabalho minucioso sobre o cadáver nos bastidores do trabalho sujo.

Trabalho sujo: valor social, relações sociais, comprometimento com a organização e a satisfação

As escalas de *importância social do trabalho*, *relacionamento social no trabalho* e *comprometimento com a organização* resultaram significativas na regressão logística, ao comparar trabalhadores do serviço funerário com os outros trabalhadores da prefeitura de um município de São Paulo. A tabela 1 apresenta o resultado da regressão logística.

A primeira escala, *Importância social no trabalho*, com questões como “Tenho um trabalho valioso para a sociedade”, mostra a percepção do trabalhador acerca da importância do seu trabalho na sociedade. A segunda, *Relacionamento social no trabalho*, com questões como “Posso contar com as pessoas com quem trabalho”, mostra o entrosamento cotidiano do trabalhador com os colegas. A escala *Comprometimento com a organização*, que utiliza questões como “Procuro defender a organização onde trabalho quando ela é criticada”, mede o grau de comprometimento do trabalhador com sua organização.

Tabela 1. Regressão logística funerária versus escalas de trabalho

Variáveis na equação	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Comprometimento	,416	,139	8,928	1	,003	1,515
Importância social	-,382	,136	7,935	1	,005	,682
Relacionamento no trabalho	,402	,131	9,377	1	,002	1,494
Constante	1,715	,693	6,113	1	,013	5,554

Fonte: elaboração dos autores a partir de escalas de trabalho.

A pesquisa quantitativa mostra que os trabalhadores percebem que seu trabalho carece de importância social, isto é, de prestígio. A tabela 2 indica que 23,10% dos trabalhadores do serviço funerário percebem que a sociedade não se importa com seus trabalhos. No grupo geral de trabalhadores, 12,20% têm essa percepção.

Tabela 2. Importância social do trabalho

	Importância social			
	Baixa	Média	Alta	Total
Contagem	9	12	18	39
% em funerária	23,10%	30,80%	46,20%	100,00%
Contagem	720	2040	3149	5909
% outros	12,20%	34,50%	53,30%	100,00%

Fonte: elaboração dos autores a partir de escalas de trabalho.

A percepção do desprestígio e da abjeção das atividades em torno da morte influencia positivamente na coesão dos grupos nos locais de trabalho, tornando densas as interações entre os colegas e desenvolvendo um forte vínculo que produz as ressignificações das atividades maculadas no enfrentamento do preconceito e da discriminação sociais. A pesquisa quantitativa mostra a percepção dos trabalhadores sobre o próprio entrosamento. Na tabela 3, quase três vezes a mais que os outros trabalhadores da prefeitura, os funcionários da funerária consideram bom ou ótimo o relacionamento com os colegas de trabalho, 46,2% contra 14,9% (diferença significativa a .000, Pearson). O entrosamento com os colegas, exposto nas entrevistas qualitativas a partir da narração de sentimentos presentes nos grupos, como a *solidariedade*, a *cumplicidade* e o *coleguismo*, é marca distintiva dos trabalhadores dos cemitérios, o que corrobora a resposta de coesão grupal em face do trabalho sujo.

Tabela 3. Relacionamento social no trabalho

	Relacionamento social no trabalho			Total
	Bom	Médio	Ruim	
Contagem	18	16	5	39
% em funerária	46,2%	41,0%	12,8%	100,0
Contagem	879	3928	1094	5901
% outros	14,9%	66,6%	18,5%	100,0%

Fonte: elaboração dos autores a partir de escalas de trabalho.

É fato conhecido há muito na psicologia social que um inimigo externo aumenta as chances de coesão do grupo; a hostilidade da sociedade ("eles têm nojo da gente") opera a necessidade de fortalecimento do grupo internamente e aumenta a distância *insider-outsider*, além

de forçar o vínculo entre os trabalhadores. Em outro plano, o mesmo fenômeno ocorre, os trabalhadores se mostram altamente comprometidos com a organização, como mostra a tabela 4.

Tabela 4. Comprometimento com a organização em que trabalho

		Comprometidos	Média	Descomprometidos	Total
Funerária	Contagem	19	15	6	40
	% em funerária	47,5%	37,5%	15,0%	100,0%
Outros	Contagem	994	3838	1149	5981
	% em outros	16,6%	64,2%	19,2%	100,0%

Fonte: elaboração dos autores a partir de escalas de trabalho.

Entre os trabalhadores da funerária, 47,5% se mostraram comprometidos com a sua organização, enquanto, para o restante dos trabalhadores da prefeitura, apenas 16,6% se comprometem; a proporção de descomprometidos também é menor na funerária (diferença significativa a .000, Pearson). Os trabalhadores ressignificam seus trabalhos e sua organização, e comprometem-se com ela quando as práticas de estigmatização da sociedade ameaçam sua integração. Os trabalhadores se protegem dentro da organização contra o julgamento da sociedade.

Para concluir, a tabela 5 mostra que, entre os trabalhadores da funerária, 32,5% se mostraram satisfeitos com o seu trabalho, enquanto, para o restante dos trabalhadores da prefeitura, apenas 18,1% estão satisfeitos; a proporção de insatisfeitos também é menor nos serviços funerários (diferença significativa a .037, Pearson).

Tabela 5. Satisfação no trabalho

	Satisfação no trabalho			Total
	Satisfeito	Média	Insatisfeito	
Contagem	13	23	4	40
% em funerária	32,5%	57,5%	10,0%	100,0%
Contagem	1076	3722	1162	5960
% em funerária	18,1%	62,4%	19,5%	100,0%

Fonte: elaboração dos autores a partir de escalas de trabalho (P=.037).

A análise dos dados quantitativos mostrou haver coesão nos grupos de sepultadores e motoristas paramentadores. A pesquisa qualitativa apontou para a presença de elementos interiores e exteriores ao trabalho sujo, estes últimos considerados relativos ao contexto (Ashforth e Kreiner 2013) que fortalecem a coesão. Isso significa que a coesão nos grupos de trabalhadores sujos não pode ser apenas suposta pelo pesquisador e que é necessário considerar aspectos contextuais, bem como discutir sua influência na coesão grupal.

Por último, também é preciso destacar que, por mais abjetos e demonizados que sejam pela sociedade os trabalhos e os trabalhadores da funerária, estes últimos são cuidadores. Assim como os demais profissionais da área de cuidado, a alta satisfação faz parte do trabalho, que é carregado de afeto e ocupa um papel importante para a família do morto.

Conclusões

A pesquisa apontou elementos de coesão nos grupos de sepultadores e de motoristas paramentadores exteriores ao trabalho sujo ou contextuais (Ashforth e Krainer 2013) que revelam trajetórias de desprestígio e mácula nos trabalhadores dos serviços funerários. Trajetórias ocupacionais similares e o desejo comum de emprego estável, independentemente do conteúdo do trabalho, constroem o sentimento de pertença nos grupos de trabalhadores sujos. Há desprestígio e mácula social anteriores ao ingresso no trabalho sujo que produzem senso de unidade nos trabalhadores que se identificam com o grupo de trabalhadores pobres, com baixo nível de escolaridade e qualificação profissional, negros e socialmente destinados aos trabalhos desprestigiados. As descobertas da pesquisa sugerem a importância de analisar futuramente a relação dos trabalhadores com os trabalhos sujos considerando em que medida a construção sócio-histórica da classe, a raça e o gênero no Brasil têm influenciado na construção social dos trabalhos maculados e nos tipos de máculas — físicas, sociais e morais — predominantes nesses trabalhos.

Referências

- Ashforth, Blake, E., Glen Kreiner, Mark Klark e Mel Fugate. 2007. "Normalizing Dirty Work: Managerial Tactics for Countering Occupational Taint". *Academy of Management Journal* 50 (1): 149-174.
- Ashforth, Blake, E. e Glen Kreiner. 1999. "How Can You Go It?": Dirty Work and the Challenge of Constructing a Positive Identity". *Academy of Management Review* 24 (3): 413-434. <https://dx.doi.org/10.2307/259134>
- Ashforth, Blake, E. e Glen Kreiner. 2013. "Profane or Profound? Finding Meaning in Dirty Work". Em *Purpose and Meaning in the Workplace*, editado por Michael Steger, Zinta Byrne e Bryan J. Dik, 127-150. Washington: American Psychological Association.
- Ashforth, Blake, E. e Glen Kreiner. 2014. "Dirty Work and Dirtier Work: Differences in Countering Physical, Social, and Moral Stigma". *Management and Organization Review* 10 (1): 81-108. <https://dx.doi.org/10.1111/more.12044>
- Câmara, Millena Claudia Coutinho. 2011. "O agente funerário e a morte. O cuidado presente diante da vida ausente". Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.
- Douglas, Mary. 2010. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- Farina, Anete Souza, Ada Antunes, Juliana Emy Yokomizo e Livia Carolina Ariento. 2009. "A morte como trabalho, um estudo com agentes funerários da Grande São Paulo". Em *Temas contemporâneos em Psicologia do Cotidiano*, editado por Alex Moreira Carvalho e Anete Souza Farina, 35-58. São Paulo: Editora Expressão e Arte.
- Forsyth, Craig, Eddie Palmer e Jessica Simpson. 2006. "Funeral Director: Maintaining Business, Reputation and Performance". *Free Inquiry In Creative Sociology* 34 (2): 123-132.
- Goffman, Erving. 1959. *The Presentation of Self in Every Day Life*. Nova York: Anchor Books.
- Goffman, Erving. 1963. *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Hughes, Everett. 1962. "Good People and Dirty Work". *Social Problems* 10 (1): 3-11. <https://dx.doi.org/10.2307/799402>
- Kovács, Maria Julia, Nancy Vaiciunas, Elaine Gomes Reis Alves. 2014. "Profissionais do Serviço Funerário e a Questão da Morte". *Psicologia: Ciência e Profissão* 34 (4): 940-954. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-370001272013>
- Kreiner, Glen, E. Blake Ashforth e David Sluss. 2006. "Identity Dynamics in Occupational Dirty Work: Integrating Social Identity and System Justification Perspectives". *Organization Science* 17 (5): 619-636. <https://doi.org/10.1287/orsc.1060.0208>
- Mc Cabe, Darren e Lindsay Hamilton. 2015. "The Kill Programme: an Ethnographic Study of 'Dirtywork' in a Slaughterhouse". *New Technology, Work and Employment* 30 (2): 95-108. <https://doi.org/10.1111/ntwe.12046>
- Ribas, Vanuzia e Francivaldo Almeida Gomes. 2012. "Trabalhadores da morte. Dilemas Éticos". *Mundo da Saúde* 36 (1): 86-89.
- Rodrigues, José Carlos. 2006. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Souza, Katia Cristina Caparroz de e Magali Roseira Boemer. 1998. "O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador". *Saúde e Sociedade* 7 (1): 27-52. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12901998000100003>
- Thompson, William, E. 1983. "Hanging Tongues: A Sociological Encounter with the Assembly Line". *Qualitative Sociology* 6 (3): 215-237.
- Thompson, William E. 1991. "Handling the Stigma of Handling the Dead: Morticians and Funeral Directors". *Deviant Behavior* 12 (4): 403-429.